

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM MEDICINA DO TRABALHO**

**DOUGLAS DO LAGO WESTPHAL**

**CONCEPÇÃO SOBRE O TRABALHO PRESENTES EM PERSPECTIVAS SOBRE A  
REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

**CURITIBA  
2014/2016**

**DOUGLAS DO LAGO WESTPHAL**

**CONCEPÇÃO SOBRE O TRABALHO PRESENTES EM PERSPECTIVAS SOBRE A  
REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

Artigo apresentado a Especialização em Medicina do Trabalho, do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à conclusão do Curso.

Orientador: Edevar Daniel

**CURITIBA  
2014/2016**

## RESUMO

A revolução industrial é evento marcado por profundas alterações econômicas, políticas e sociais que geraram grandes mudanças nas condições de vida dos trabalhadores ingleses nos séculos XVIII e XIX. As décadas de 50 e 60 do século passado assistiram a um importante debate entre Hobsbawm e Hartwel que representavam as perspectivas denominadas de “pessimista” (que defendem que houve piora das condições de vida durante a revolução industrial) e “otimista” (que afirmam que houve melhora das condições de vida no período) respectivamente, no que se refere às opiniões a respeito das condições de vida dos trabalhadores ingleses durante a revolução industrial. A análise do debate evidencia que nenhuma das teses é completamente refutada, contudo, os argumentos otimistas são quase que desconhecidos no mundo acadêmico hodiernamente, fato que pode influenciar as estratégias e abordagens à saúde dos trabalhadores

**Palavras-chave:** Trabalho; Condições sociais; saúde do trabalhador; pessoal de saúde.

## **ABSTRACT**

The industrial revolution is marked by profound economic, political, and social changes that have brought about major changes in the living conditions of English workers in the eighteenth and nineteenth centuries. The 1950s and 1960s witnessed a major debate between Hobsbawm and Hartwel. Represented the so-called "pessimistic" perspectives (who claim that there was worsening living conditions during the industrial revolution) and "optimistic" (who claim that living conditions improved in the period) respectively, Of the living conditions of English workers during the industrial revolution. The analysis of the debate shows that none of the theses is completely refuted, however, the optimistic arguments are almost unknown in the academic world today, a fact that can influence strategies and approaches to workers' health

**Keywords:**Work; Social conditions; Worker's health; Health personnel.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	06
1. OBJETIVO.....	08
2. MÉTODO .....	09
3. DA IDADE MÉDIA À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL .....	10
4. VISÃO PESSIMISTA .....	12
5. A VISÃO OTIMISTA.....	13
6. CONCLUSÃO .....	14
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....	15

## INTRODUÇÃO

As concepções sobre o trabalho podem influenciar a análise do processo saúde-doença no ambiente de trabalho e na proposta de intervenção a ser elaborada pelos profissionais de saúde em saúde ocupacional. Os conceitos de trabalho utilizados em saúde ocupacional hodiernamente estão intrinsecamente relacionados ao período denominado de “revolução industrial europeia” (período compreendido entre 1750 a 1850), considerado um período conturbado e responsável por mudanças drásticas na sociedade que determinaram a alteração do modo de viver e, de maneira consequente, sobre o processo saúde-doença.

Desenvolveu-se a medicina ocupacional na esteira das alterações proporcionadas pela revolução industrial, preocupando-se com as relações de trabalho de uma população que se transferiu para os centros urbanos para trabalhar nas indústrias.

O estudo do período não é tarefa fácil. Primeiro porque o período antecedente, ou seja, o feudalismo não se manifesta de maneira homogênea na Europa. Consequentemente, a revolução industrial varia em função do tempo e da região estudada. Opta-se pelo estudo do fenômeno da revolução industrial na Inglaterra, pois se considera que foi onde a revolução industrial iniciou e onde se processou de forma mais lenta (talvez justamente por ser a vanguarda do processo), o que oferece um olhar mais detalhado sobre o evento. O período, no entanto, varia conforme o autor de meados de 1750 a 1850.

As opiniões sobre ao período da revolução industrial não são unânimes. Há correntes que abordam o período numa perspectiva pessimista (de que as condições de vida pioraram durante a revolução industrial), contudo, existem abordagens otimistas sobre o período (defendendo que há evidências demonstrando a melhora das condições de vida). As perspectivas otimista e pessimista a respeito das condições de vida no período da revolução industrial foram muito bem representadas no debate entre o historiador Eric John Ernest Hobsbawm e o economista Ronald Max Hartwell travada nas edições da revista “The Economic History Review” em edições publicadas no período compreendido entre 1959 e 1961.

Tendo surgido durante a revolução industrial para intervir no processo saúde-doença que ocorria no interior das fábricas, é de se esperar que os teóricos da saúde ocupacional tendam a lançar mão (e até mesmo a subsidiar com estudos científicos) a tese pessimista sobre a revolução industrial e, conseqüentemente, assumir um conceito pessimista sobre o próprio trabalho. Em que pese a visão pessimista possa resultar em uma abordagem que represente um fator de proteção para o trabalhador em alguns processos de saúde-doença (na medida em que se preocupa com riscos e danos a serem prevenidos), também pode configurar viés importante para análise e intervenção em outras doenças (notadamente em transtornos mentais onde a própria percepção do trabalhador sobre o trabalho pode interferir no processo saúde-doença). Desta forma, ganha relevo a concepção sobre o trabalho e sobre a revolução industrial no ensino da saúde ocupacional e na formação de profissionais que necessitarão de instrumentos de estudo sobre o processo saúde-doença na atualidade.

Eventual baixa dispersão dos conceitos sobre a concepção sobre o trabalho e a revolução industrial, em tese, poderia representar um importante viés na formação dos profissionais em saúde ocupacional na atualidade.

## **1. OBJETIVO**

A partir da análise da discussão entre Hobsbawm e Hartwell publicados na revista “The Economic History Review” a respeito das condições de vida durante a revolução industrial inglesa, comparar as concepções sobre o trabalho delas decorrentes.



## 2. MÉTODO

Foi realizada revisão de literatura através da estudo de publicações a respeito das condições de vida dos trabalhadores durante a revolução industrial na revista “The Economic Histroy Review” no período entre 1959 e 1961 historiador Eric John Ernest Hobsbawm e pelo economista Ronald Max Hartwell. Os artigos foram acessados em biblioteca virtual no endereço <http://onlinelibrary.wiley.com>. Foi realizado estudo crítico dos argumentos dos referidos debatedores em confronto com os dados da literatura sustentam tanto as teses denominadas pessimistas quanto as teses otimistas.

### 3. DA IDADE MÉDIA À REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

O período denominado Idade Média abrange quase 2000 anos, estendendo-se do século V ao século XVIII. Pode-se dividir o período em alta idade média (do século V ao X), idade média clássica (do século X ao XIV) e baixa idade média (do século XIV ao XVIII).

A alta idade média é marcada por baixa atividade econômica, sendo seguida pela idade média clássica quando se desenvolve o sistema feudal clássico e um processo arcaico de industrialização e urbanização. Também há expansão do comércio, comunicação, crédito e tem início o desenvolvimento bancário. Na Europa, no entanto, há diferenças marcantes entre o progresso tecnológico e econômico e o noroeste europeu, Alemanha do Sul e Itália do Norte, no período da baixa idade média, apresentam um desenvolvimento mais acelerado (BAUTIER, 1973). Com o desenvolvimento econômico os espaços urbanos começam a se organizar ao redor de portos e mercados, essenciais à vida econômica.

O desenvolvimento de cidades gera a necessidade de aumento de aporte de mercadorias para o abastecimento e a sociedade medieval defronta-se com a necessidade de aumento de produtividade, o que somente seria possível com a alteração da estrutura da própria sociedade. Fazia-se necessário libertar a mão de obra e o capital da economia local e limitada para viabilizar o desenvolvimento. O aumento do mercado devido às grandes navegações proporciona condições econômicas favoráveis a partir do século XV fazendo com que a população europeia experimente aumento que volta a estagnar a partir do século XVII em função de guerras e pestes. Em que pese a crescente especialização da agricultura, esta ainda produzia excedentes bastante irregulares. Na Inglaterra, em função da eficiência administrativa das propriedades os camponeses são paulatinamente substituídos por agricultores que orientam o cultivo não para o consumo e subsistência da comunidade, mas para o mercado. Os rendeiros, ou eram diligentes e produtivos ou eram substituídos. Assim, desenvolve-se um modo de pensar voltado para o lucro, aumentando a concorrência aumentando os excedentes (VRIES, 1983).

Assim a economia e, conseqüentemente a qualidade de vida encontram-se sob a constante ameaça dos desastres climáticos e a situação ao final do século XVIII era de penúria, embora houvesse excedente econômico. Antes da década de 1750 a Inglaterra registra uma queda

importante da mortalidade (possivelmente atribuída à redução da incidência das epidemias) e após a década de 1750 um aumento da natalidade (provavelmente devido à redução da mortalidade infantil decorrente da redução da incidência de epidemias). O crescimento populacional e econômico resultam em expansão do fluxo de bens e serviços produzidos. Embora exista discussão a respeito das condições de vida no período correspondente ao início da revolução industrial (1750 a 1850), há forte evidência de uma melhora sustentada dos salários reais médios da classe trabalhadora após a década de 1840 e a renda nacional per capita dobrou entre 1801 e 1850 (DEANE, 1969).

#### 4. O CONCEITO PESSIMISTA

A literatura apresenta poucos dados a respeito do período que se convencionou apontar como início da revolução industrial (1750-1850). A revolução industrial é evento de grande importância e o período é marcado pela discussão a respeito de vários aspectos importantes que caracterizaram o período. As perspectivas a respeito do período podem ser denominadas de pessimista, quando fundamenta que durante o período ocorreu uma redução da qualidade de vida na sociedade. De outra banda, denomina-se de otimista a perspectiva que sustenta uma melhoria da qualidade de vida durante o período.

Hobsbawm assume a defesa da perspectiva pessimista sobre a revolução industrial no debate com Hartwell. Um importante conceito que permanece indefinido no debate, refere-se ao significado do “padrão de vida” e como sua melhoria poderia ser aferida. Hobsbawm aponta a insuficiência do rendimento monetário ser utilizado como padrão, havendo necessidade de se considerar questões como saúde, desemprego, degradação do meio ambiente, condição de mulheres e crianças, ocupação urbana e lazer. Alguns indicadores sugeridos por Hobsbawm como os de consumo seriam melhores para medir o padrão de vida no período estudado. Analisa, desta forma, produtos como o chá, o açúcar e o fumo, que eram importados e, portanto, possuíam registros mais fidedignos. Tais produtos não mostraram tendência de elevação até meados da década de 1840, sugerindo declínio de consumo e, desta forma, os padrões de vida poderiam ter caído entre 1790 e 1840. Também registra uma redução do número de ovinos e bovinos abatidos em vários mercados, o que indicaria que a produção de carne não acompanharia o crescimento da população no período de 1801 a 1851. Também aponto a maior expectativa de vida no campo em comparação com as cidades. A descrição das condições de vida durante a revolução industrial estão diretamente ligados com o trabalho que era desenvolvido no período. As condições de trabalho eram insalubres e isto se refletia sobre as condições de vida no período.

## 5. A VISÃO OTIMISTA

Hartwell critica os elementos apontados por Hobsbawm referindo que a indicação da queda de consumo de alguns produtos não indica, em absoluto, uma queda do padrão de vida, já há surgimento de bens de consumo que anteriormente eram indisponíveis como roupas de algodão e frutas exóticas, por exemplo. Afirmar ser improvável que ocorresse redução dos padrões de vida quando a renda média subiu no período. A respeito da expectativa de vida, afirma que a expectativa de vida no campo ainda permanecia mais elevada em relação à cidade nos dias atuais, mas que mesmo assim a expectativa de vida havia aumentado tanto no campo quanto na cidade no período da revolução industrial e aponta ganhos sociais ocorridos durante a revolução industrial como o aumento da independência social e econômica da mulher, redução do trabalho infantil, aumento das associações e cooperativas, redução do analfabetismo e redução da desordem social. O trabalho, nessa perspectiva, proporcionou uma melhora das condições de existência o que proporcionou uma melhora também das condições de trabalho.

## 6. CONCLUSÃO

A falta de dados quantitativos faz com que seja difícil definir os impactos sobre a qualidade de vida do trabalhador durante a revolução industrial inglesa. Uma interpretação pessimista do período parece, necessariamente, estar ligada à uma perspectiva infinitamente otimista do período que o precedeu, como se o período medieval fosse marcado pela abundância de bens e produtos. As fábricas instaladas não produziam exclusivamente para exportação e o aumento da produção resulta na disponibilização de produtos também para a classe trabalhadora, que se beneficiaram como consumidores mesmo quando não auferiram benefícios como assalariados. Neste ponto, há que se indagar se a melhora das condições de vida da população (com abundância de bens e produtos) não implicaria em melhora das condições de trabalho.

Faz-se necessário questionar, portanto, qual o motivo da perspectiva pessimista ter se tornado hegemônica na sociedade e também no meio acadêmico, a ponto da perspectiva otimista ser desconhecida. A adoção de uma interpretação exclusivamente pessimista da revolução pode ser reflexo de um viés ideológico que pode também afetar a educação de profissionais da saúde do trabalho: a revolução industrial necessariamente é ruim pois todo trabalho é uma exploração. Havendo aumento do trabalho e da produtividade, aumenta-se a exploração e, de maneira consequente, piora-se a qualidade de vida.

Cabe também questionar, e esse seria o ponto de partida para uma pesquisa aprofundada sobre o tema, se a perspectiva hegemônica, tão negativa a respeito do trabalho, não poderia influenciar a psique do trabalhador, causando o aumento de transtornos mentais relacionados ao trabalho.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUTIER, R-H. **A economia na Europa medieval**. Lisboa: Verbo, 1973.

BREILH, J. **Epidemiologia crítica**: ciência emancipadora e interculturalidade. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. p. 91.

DEANE, P. **A revolução industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 10.

HARTWELL, R. M. **Interpretations of the Industrial Revolution in England**: a methodological enquiry. *Journal of Economic History*, v.19, issue 2, p.229-249. 1959.

\_\_\_\_\_. The rising standard of living in England, 1800-1850. **The Economic History Review**. New Series, v.13, p.397-416, 1961.

\_\_\_\_\_. The standard of living. **The Economic History Review**. New Series, v.16, p.135-146, 1963.

HOBBSBAWM, E.J. The standard of living during de industrial revolution: a discussion. **The Economic History Review**. New Series, v.16, p. 119-134, 1961.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O Discurso do Sujeito Coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

SANTOS, B. de S. Ecologia dos sabers. In: SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. Porto: Edições Afrontamento, 2006

VRIES, J. de. **A economia da Europa numa época de crise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.